

Como conseqüências do abuso do DSM-IV no contexto psiquiátrico contemporâneo, são apontadas:

- 1) a perda do contato com o paciente e com sua história;
- 2) freqüentemente, o que é tratado é o diagnóstico e não o paciente;
- 3) o estudo da psicopatologia tornou-se praticamente inexistente e
- 4) o foco estrito no diagnóstico tem tornado a prática da psiquiatria "maçante" (*boring*).

O texto é encerrado com o comentário de que o DSM-IV tem constituído um grande avanço em psiquiatria, mas fornece apenas uma parte da informação necessária, "a outra parte é a história do paciente ou sua narrativa". O artigo é, pois, um libelo a favor da clínica psiquiátrica, da escuta do sujeito que sofre e do retorno ao estudo da psicopatologia: não é a toa que o nome de Jaspers é citado duas vezes em um texto de não mais de três páginas. Trata-se não de uma recusa dos progressos obtidos com os métodos diagnósticos contemporâneos, mas um apelo ao bom senso, de modo que a prática psiquiátrica volte a ser algo de instigante e não uma mera aplicação acrítica e artificial de convenções classificatórias.

"The split brain revisited"

M. Gazziniga

Scientific American

July 1998, 35-39

Três décadas de estudos sobre o "cérebro dividido"

O *Scientific American* de julho passado traz um importante trabalho de Michael Gazziniga, neurocientista que há quase trinta anos revolucionou os estudos sobre o cérebro descrevendo, juntamente com outros três colegas, o que acontecia com o funcionamento mental quando a principal via de comunicação neuronal entre os hemisférios cerebrais ficava interrompida. Essa "ponte" neuronal, chamada corpo caloso, é a principal responsável pela integração das

atividades dos dois hemisférios. Sua ruptura – anatômica ou funcional – estabelece um estado de coisas no qual cada metade do cérebro passa a funcionar de modo praticamente independente em relação à outra, permitindo que se conheça melhor as especificidades neurofisiológicas de cada uma.

Tornou-se claro, por exemplo, que em tais circunstâncias a informação visual não podia mais mover-se entre os dois lados. “Se nós projetássemos uma imagem para o campo visual direito – ou seja, para o hemisfério esquerdo, onde a informação do campo direito é processada – os pacientes eram capazes de descrever o que viam. Mas quando a mesma imagem era apresentada ao campo visual esquerdo, os pacientes tinham um branco: eles diziam que não viam nada”.

Inúmeras outras descobertas foram relatadas. A mais amplamente difundida foi a de que os dois hemisférios controlam aspectos muito diferentes da linguagem e da ação. Cada metade tem sua própria especialização: o cérebro esquerdo é dominante para a linguagem e para a fala, enquanto o cérebro direito é especializado nas atividades visio-motoras. Contudo, o autor lembra que a secção do corpo caloso não interrompe a comunicação inter-hemisférica de modo absoluto, pois permanecem vias menores de contato anatômico através das chamadas “comissuras” cerebrais, o que limita as extrapolações que podem ser feitas.

O artigo discute o que de novo foi descoberto a esse respeito desde então. Observou-se, por exemplo, que apesar da especialização de cada hemisfério, há um grande potencial de plasticidade e de variação individual. O aumento do conhecimento sobre a metade direita mostrou que, apesar de esta não possuir uma capacidade de sintaxe sofisticada, é altamente provável que ela possa ampliar consideravelmente seus conhecimentos lexicais. As lesões no hemisfério esquerdo são, de longe, muito mais deletérias para a função da linguagem do que as do direito. Mas já foram descritos casos de pacientes que após vários anos de destruição parcial ou completa dessa parte, puderam desenvolver uma escrita “direita”.

Da mesma forma, descobriu-se que os dois hemisférios diferem quanto a suas formas de processar novos dados. O hemisfério esquerdo possui uma maneira mais afetiva para lidar e interpretar a memória: “Quando confrontadas a novas informações, as pessoas geralmente lembram-se do que elas realmente experimentaram. Quando questionadas, usualmente lembram de coisas que não fez parte verdadeiramente da experiência. Se tais testes são dados a pacientes com o cérebro cindido, o hemisfério esquerdo gera muitos relatos falsos. Mas o direito, não; ele fornece uma reprodução mais verídica”.

O futuro da pesquisa nessa área é apontado na seguinte direção: tratar do fato de que embora ambos hemisférios possam ser vistos como conscientes, a consciência do inventivo e interpretante cérebro esquerdo ultrapassa de longe o cérebro direito, realista e literal.